

**LIDANDO COM A PERDA E O LUTO:  
COMUNICAÇÃO, LITERATURA INFANTIL E ‘O SOPRO DO LEÃO’<sup>1</sup>**

**DEALING WITH LOSS AND GRIEF: COMMUNICATION, CHILDREN’S LITERATURE  
AND ‘O SOPRO DO LEÃO’**

Maria Luisa Ramirez Soares Marcato<sup>2</sup>

**Resumo**

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a literatura infantil, como mídia essencial no desenvolvimento de crianças que enfrentam o tema da morte. Com base no Percurso Gerativo de Sentido de Greimas analisamos "O Sopro do Leão" (2021), de Marcos Bagno e Simone Mathias, destacando as relações entre literatura infantil, morte e luto. A análise das isotopias plásticas e figurativas revela como a repetição de elementos visuais e simbólicos fortalece a construção do significado do livro, enfatizando a importância de abordar temas sensíveis de maneira acessível, especialmente diante das mudanças pós-pandêmicas nas percepções sobre vida e morte.

**Palavras-chave:** Comunicação. Literatura infantil. Morte. Luto. O Sopro do Leão.

**Abstract**

This article aims to reflect on children's literature as an essential media in the development of children who face the topic of death. Based on Greimas' Generative Path of Meaning, we analyzed ‘O Sopro do Leão’ (2021) by Marcos Bagno and Simone Mathias, highlighting the relationships between children's literature, death, and mourning. The analysis of plastic and figurative isotopes reveals how the repetition of visual and symbolic elements strengthens the construction of the book's meaning, emphasizing the importance of approaching sensitive themes in an accessible way, especially considering post-pandemic changes in perceptions about life and death.

**Keywords:** Communication. Children’s Literature. Death. Grief. The Lion’s Breath.

**A criança, a literatura infantil e a morte:**

Ao abordar a história da literatura infantil, é essencial considerar as profundas raízes desta tradição, muitas das quais remontam à tradição oral e à contação de histórias ao redor do

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 7 – Mídias Secundárias: o tempo lânguido do ler, do VIII COMCULT - Gestos, Escritas, Ecrãs, realizado de 16 a 18 de novembro de 2023 e realizado sob orientação da Profa. Dra. Bárbara Heller e do Prof. Dr. Maurício Ribeiro, da Universidade Paulista.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Livros para a infância pela Casa Tombada e mestranda em comunicação pela Universidade Paulista (UNIP), São Paulo/SP, Brasil. E-mail: [maluramirez.educadora@gmail.com](mailto:maluramirez.educadora@gmail.com)

fogo ou ao pé da cama. Antes mesmo da existência de livros destinados especificamente às crianças, a transmissão de narrativas ocorria por meio de diversas formas, desde a observação dos elementos da natureza até a elaboração das pinturas rupestres. A evolução da produção literária voltada para crianças está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento de técnicas de impressão e produção gráfica, assim como à alfabetização das crianças nas escolas. Com isso, até o século XVII, a literatura para as crianças era realizada com intuito pedagógico e complementar ao ensino, apresentando principalmente função moral em suas histórias.

Como consequência natural deste processo, o didatismo e o conservadorismo (a escola, afinal, costuma ser instrumento de transmissão dos valores vigentes) deveriam ser considerados componentes estruturais, por assim dizer, da chamada literatura para crianças. (Azevedo, 1999. p.1)

Até o final do século XVIII, a xilogravura, técnica que utiliza matrizes de madeira entalhadas, representou um avanço ao permitir a impressão de imagens. No entanto, suas limitações em relação à reprodução idêntica e à durabilidade da matriz levaram à busca por novos métodos, como a calcogravura, que empregava matrizes de metal e gravações feitas com ácido (técnicas de água forte e água tinta).

Foi nesse contexto que a litografia emergiu como técnica dominante. Baseada na interação entre água e gordura, a litografia permitiu desenhar em pedras, proporcionando maior detalhamento e produzindo reproduções mais precisas. Essa técnica desempenhou papel crucial na ilustração de livros infantis, enriquecendo as narrativas com imagens mais sofisticadas e expressivas. Com o advento da imprensa e aumento da alfabetização, surgiu a oportunidade de criar histórias dedicadas às crianças, que agora eram vistas como diferentes dos adultos, com necessidades próprias. Contudo, muitas dessas primeiras obras eram mais educativas do que voltadas para o divertimento dos pequenos leitores.

Dessa forma, ao explorar a história da literatura infantil, é imperativo reconhecer os sentidos das narrativas, mas também a inovação nas técnicas de produção gráfica, desempenhando um papel vital na criação do livro enquanto mídia, dotada de textos visualmente estimulantes para o público infantil.

De imediato, o livro ilustrado evoca duas linguagens: o texto e a imagem. Quando as imagens propõem uma significação articulada com a do texto, ou seja, não são redundantes à narrativa, a leitura do livro ilustrado solicita apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado. (Linden, 2018. p.8)

Segundo o trecho, o autor destaca que os livros ilustrados envolvem duas importantes formas de comunicação: visual e textual. Isso sugere que a obra não se dá apenas pelo texto, mas sim pela interação verbo-visual, ou seja, quando as imagens desempenham um papel ativo na transmissão da mensagem, contribuem com o significado da narrativa e vice-versa, a leitura torna-se, por um lado, mais complexa, pois ambos os códigos precisam ser conhecidos, mas, por outro, um auxilia o outro, preenchendo as lacunas e facilitando a plena compreensão da mensagem.

De acordo com Philippe Ariès (1981) citado por Paiva (2011, p.66) no livro **A arte de falar da morte para crianças**

Até o século XVI as crianças viviam no anonimato. Na Idade média, as crianças mal começavam a crescer - por volta dos sete anos - e já se misturavam aos adultos, tratadas da mesma forma. Naquela época, a mortalidade infantil era alta, sendo difícil os pais se apegarem a cada filho, devido à possibilidade de perda. Os pais tinham muitos filhos na esperança de que alguns sobrevivessem. Dessa forma, as relações familiares não tinham uma função afetiva.

Com a mudança na percepção da infância ao longo dos séculos seguintes, os livros infantis não só passaram a representar as novas relações familiares, como também a explorar temas mais sensíveis. No lugar de narrativas de caráter educativo, publicavam-se histórias com cunho emocional para conectar os jovens leitores.

Durante o século XIX, vários escritores se destacaram na literatura infantil como Lewis Carroll com "Alice no País das Maravilhas" e Mark Twain com "As Aventuras de Huckleberry Finn". Embora tais obras ainda abordassem temas educativos, elas também apresentavam cenas divertidas e personagens que estimulavam a imaginação das crianças. Do Século XIX em diante, a literatura infantil se expande e se diversifica, explorando temas como a imaginação, a autoexpressão, a personalidade e as conexões interpessoais. Eles incorporaram elementos

poéticos criativos, como linguagem figurada e personificação para criar histórias que são lembradas até hoje. Os personagens principais vivem aventuras e os leitores podem se sentir mais representados.

No Século XX, a literatura infantil passou por uma transformação abrangendo narrativas lúdicas e que ocupam a imaginação do leitor como os títulos "Onde vivem os monstros" da década de 1960, de Maurice Sendak e a série de livros do Dr. Seuss que se tornam clássicos da literatura infantil moderna. Esse século também se beneficiou de avanços na ilustração, com artistas como Eric Carle e Quentin Blake, criando imagens memoráveis para suas histórias. Atualmente, escritores, ilustradores e editores produzem obras literárias cada vez mais voltadas a falar de assuntos difíceis, que chegam muitas vezes por meio de conversas e são negados ou isoladamente debatidos apenas entre adultos.

Temas como morte, medo e luto, embora façam parte da experiência de qualquer ser humano, muitas vezes são tratados como tabu e, assim, são ignorados. Nos primeiros anos, a criança pode experimentar a sensação de perda com um brinquedo quebrado, um animal de estimação que morre, um amigo que muda de cidade. Falar sobre sentimentos com crianças é um desafio, dada a constante formação de seu entendimento do mundo. É crucial abordar temas sensíveis de maneira adequada, lendo nas entrelinhas e proporcionando apoio e compreensão para lidar com assuntos difíceis.

As transformações na sociedade ocidental afetaram até mesmo as práticas tradicionais de eventos fúnebres e homenagens. Algumas foram abandonadas, outras adaptadas de maneira mais segura. A pandemia de covid 19 (2020-2021) impôs, ainda distanciamento social, superado pelo uso de diversos meios de comunicação. A relação com a presença e ausência, portanto, teve de ser reformulada.

Os rituais pós-óbito são catalisadores essenciais para expressar luto e reverência às vidas perdidas, conscientizando a morte como parte natural da vida. Com a mudança desses rituais em um mundo pós-pandêmico abordar a morte, especialmente com crianças, torna-se crucial.

Neste artigo, entendemos o livro infantil como mídia e que auxilia a formação e o desenvolvimento da criança. Tal objeto, impresso ou em tela de cristal, permite figurativizar a representação da morte de maneira lúdica e auxiliar a construção da memória social infantil.

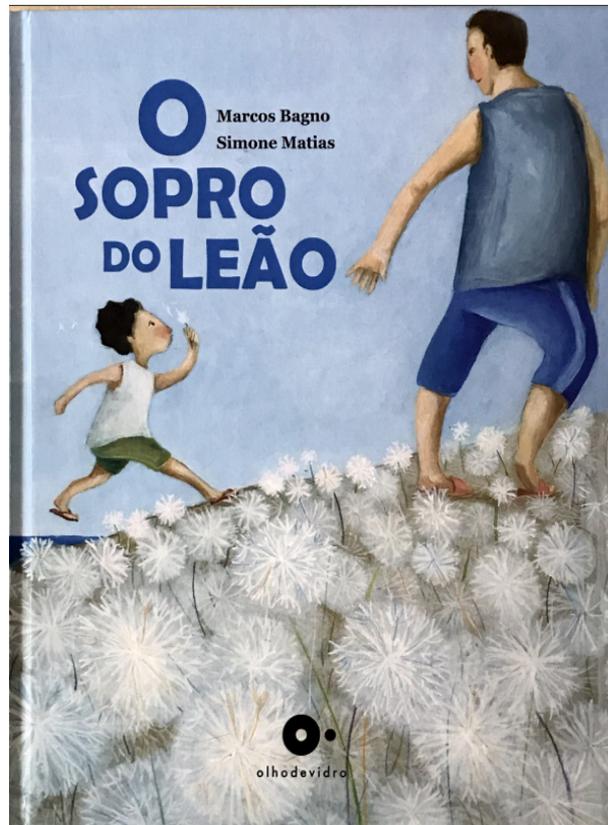
Buscamos, assim, analisar as relações entre literatura infantil, morte e luto na obra “O Sopro do Leão” (2021), de Marcos Bagno e Simone Mathias.

Como método, partimos do Percurso Gerativo de Sentido de Greimas, juntamente com as contribuições teóricas de estudos sobre literatura infantil, morte e luto, através de referências como as de Philippe Ariès, Ana Cláudia Quintana Arantes, Lucélia Elizabeth Paiva, Ricardo Azevedo e Sophie Van Der Linden.

### **O Sopro do Leão**

O livro "O Sopro do Leão", escrito por Marcos Bagno e ilustrado por Simone Matias, foi publicado pela editora Olho de Vidro, em janeiro de 2021. Com 48 páginas, aborda temas complexos como a morte, a ausência e o medo de maneira leve e sensível. Recomendado para crianças a partir de 6 anos, recebeu indicações do Selo Recomendável FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil, do Selo Seleção Cátedra 10 - Cátedra Unesco de Leitura PUC - Rio, e foi avaliado como um dos 30 melhores livros de 2022 pela Revista Crescer, da editora Globo.

Fig. 1 - Capa



Fonte: Autora

A análise do corpus foi realizada com base no arcabouço teórico-metodológico do Percurso Gerativo de Sentido de Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 2008). Nos concentramos nas isotopias plástico-figurativas e temáticas presentes nas imagens segundo a Semiótica Plástica de Greimas (1984).

No artigo **Imagens autênticas: corpo, contágio e fotografia política nos tempos do Instagram**, de Paolo Demuru (2019), o autor relata que:

Os formantes plásticos são os traços eidéticos (curvos vs reto, redondo vs quadrado, etc.) cromáticos (vermelho vs azul, saturado vs não saturados, etc.), topológicos (alto vs baixo, englobante vs englobado, esquerda vs direita) e matéricos (sólido vs líquido, duro vs macio, etc.). Tanto as primeiras quanto os segundos dão corpo ao sentido da imagem, estabelecendo correlações entre os dois planos da linguagem, no nosso caso, a linguagem visual. (DEMURU, 2019, p. 212).

As relações de isotopias plásticas e figurativas, conceitos greimasianos, ajudam a analisar a estrutura semântica de um texto. No contexto dos temas da morte, ausência e tristeza, a isotopia plástica envolve a repetição de elementos visuais que criam uma atmosfera sombria, enquanto a isotopia figurativa se refere à repetição de elementos simbólicos relacionados a esses temas. A combinação dessas relações contribui para reforçar os temas emocionais e as figuras nas narrativas verbo-visuais do corpus, especialmente nas isotopias plásticas e figurativas relacionadas à morte, luto e ausência (versus presença).

Fig. 2 - Míolo - (P.23-24)



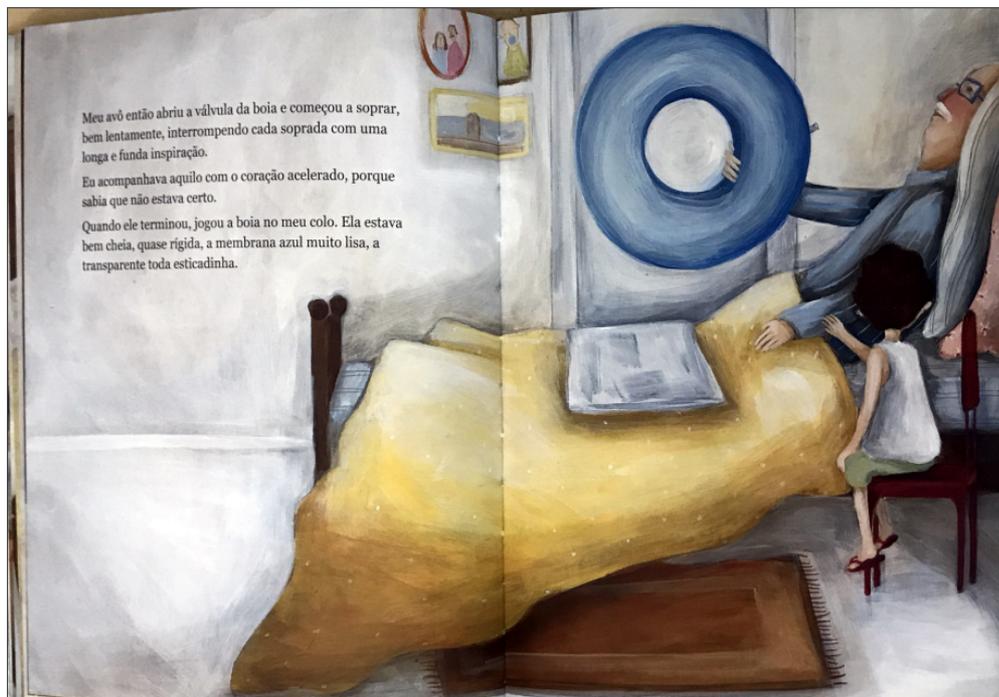
Fonte: Autora

Nessa ilustração, o avô tira a boia da caixa e começa a balançá-la, incomodado: “Eu sei, tem que soprar para encher” “Mas tem que ser um sopro de leão, não pode ser um sopro de gatinho assustado” (BAGNO; MATIAS. 2021. P. 25-26)

Na cena apresentada, as cores escuras do quarto dão ênfase às figuras do avô e neto em azul e branco. A isotopia figurativa se relaciona com os significados simbólicos e metafóricos

presentes no texto. A menção ao sopro necessário para encher a boia pode ser interpretada como uma metáfora para enfrentar desafios ou superar obstáculos na vida. O avô utiliza a figura do leão como símbolo de coragem e confiança, contrastando com o gatinho assustado que representa medo e hesitação.

Fig. 3 - Miolo - (P.25-26)



Fonte: Autora

Nesta página dupla, observamos a ação do avô ao abrir a válvula da boia e soprar lentamente para enchê-la, acompanhado do neto que o observa. A presença da criança que recebe ajuda evidencia o vínculo afetivo e a importância do avô em sua vida. O gesto final do avô ao jogar a boia no colo do neto pode ser interpretado como uma forma de transmitir um legado e uma conexão simbólica, mesmo diante da ausência física futura. O esforço do avô em encher a boia até que fique lisa e esticada simboliza sua dedicação em cumprir um objetivo, mesmo que diante de suas limitações físicas (falta de fôlego).

Fig. 4 - Miolo - (P.33-34)



Fonte: Autora

Nesta dupla de páginas, Leonardo aparece boiando com sua boia cheia, assoprada pelo avô, e as tonalidades azul e esbranquiçadas, transmitem paz e tranquilidade. A representação de Leonardo que se deixa levar pela água da piscina, com os braços abertos, transmite sensação de liberdade e confiança. O sopro do avô é representado pela boia cheia e o ajuda a superar o medo da água. Esses elementos figurativos exploram os temas de presença, proteção e superação do medo. A boia cheia representa esse sopro, a respiração do avô, sua vida que mantém Leonardo à tona, transmitindo a sensação de segurança.

Fig. 5 - Miolo - (P. 35-36)



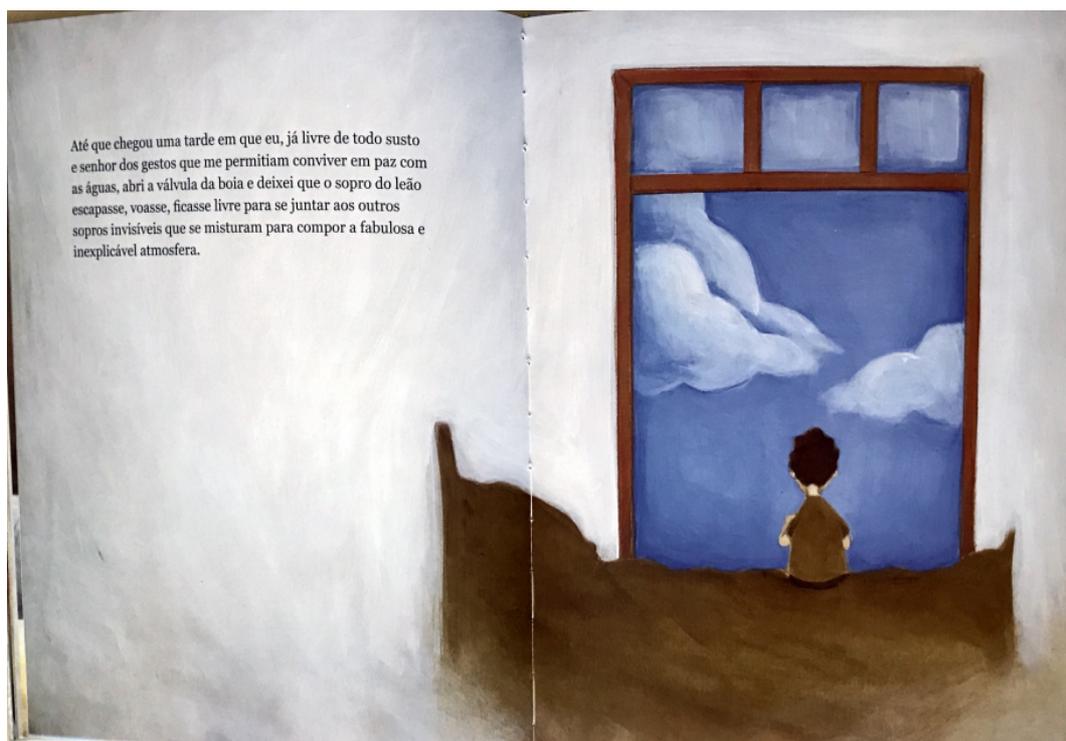
Fonte: Autora

Nesta cena acompanhamos uma mudança em relação às páginas anteriores, o momento da narrativa é apresentado através de uma atmosfera melancólica, evidenciada pelas tonalidades mais escuras, em tons de sépia, transmitindo tristeza. O quarto de Leonardo é um ambiente triste, com brinquedos esquecidos e deixados de lado, mas com destaque à boia azul, deixada em cima da poltrona ao lado da cama de Leonardo, que chama a atenção do leitor para o objeto simbólico.

O texto revela que seu avô Leocádio faleceu, mas a imagem da boia representa sua presença simbólica e nos lembra a ligação entre avô e neto. A narrativa destaca que a boia, assoprada pelo avô, permaneceu com Leonardo por um longo período, criando a ilusão de que o avô ainda estava presente. Essa representação figurativa ressalta a relação de presença versus ausência e da vida versus a morte.

O narrador aponta que no calendário da criança, onde os dias são percebidos como “pequenas eternidades”, a passagem do tempo se diferencia à do adulto, sendo percebida de maneira individual e reforçando também a relação com a dura passagem pelo luto.

Fig. 6 - Miolo - (P. 37-38)

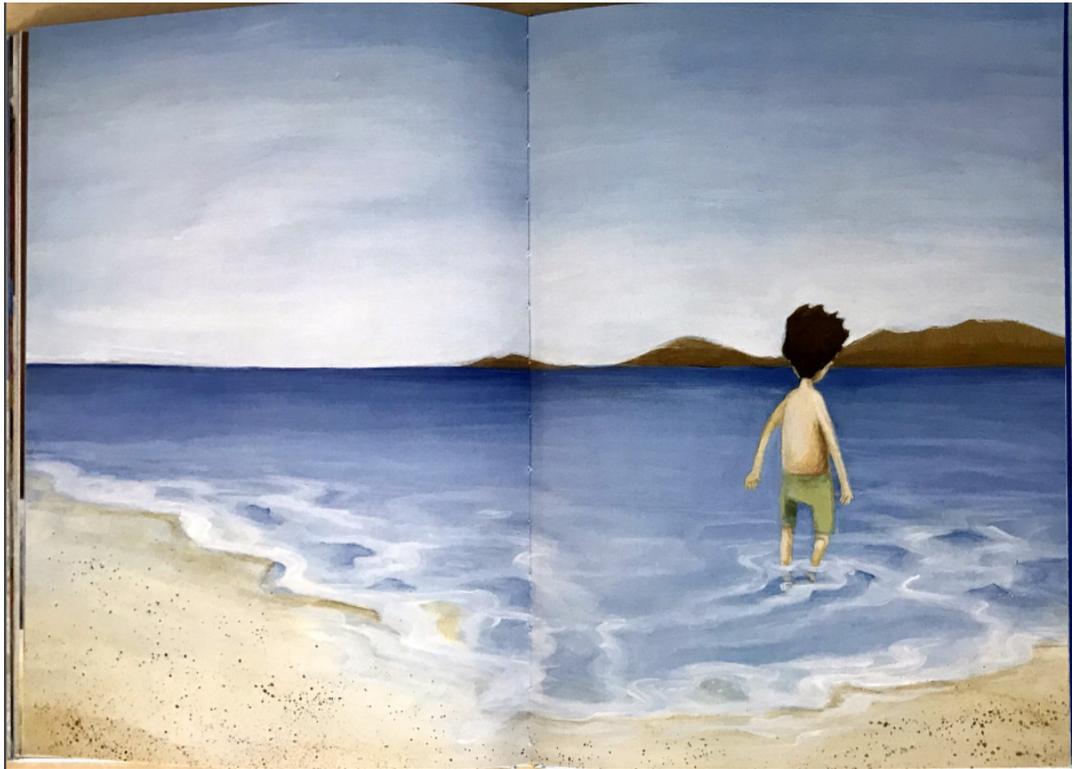


Fonte: Autora

Na página esquerda, predominantemente branca, reconhecemos poucos indícios da silhueta de uma cama que remetem à ausência do avô e ao processo de luto vivenciado pela criança. Os tons sépia nos remetem ao quarto de seu avô Leocádio que é apresentado no início da narrativa, assim como o quarto de Leonardo após a morte de seu avô. Simbolicamente vemos as cores branca e marrom em conjunto numa mesma imagem que pode representar a passagem pelo luto e a relação entre vida versus morte. O neto está sentado em uma janela que dá para o céu, a imagem pode representar um momento de reflexão e conexão com o mundo ao seu redor. O texto indica que após a abertura da válvula da boia, a liberação do sopro do leão se junta aos

outros sopros invisíveis, apresentando a metáfora para o enfrentamento do luto e trazendo paz a criança que agora consegue conviver com as águas.

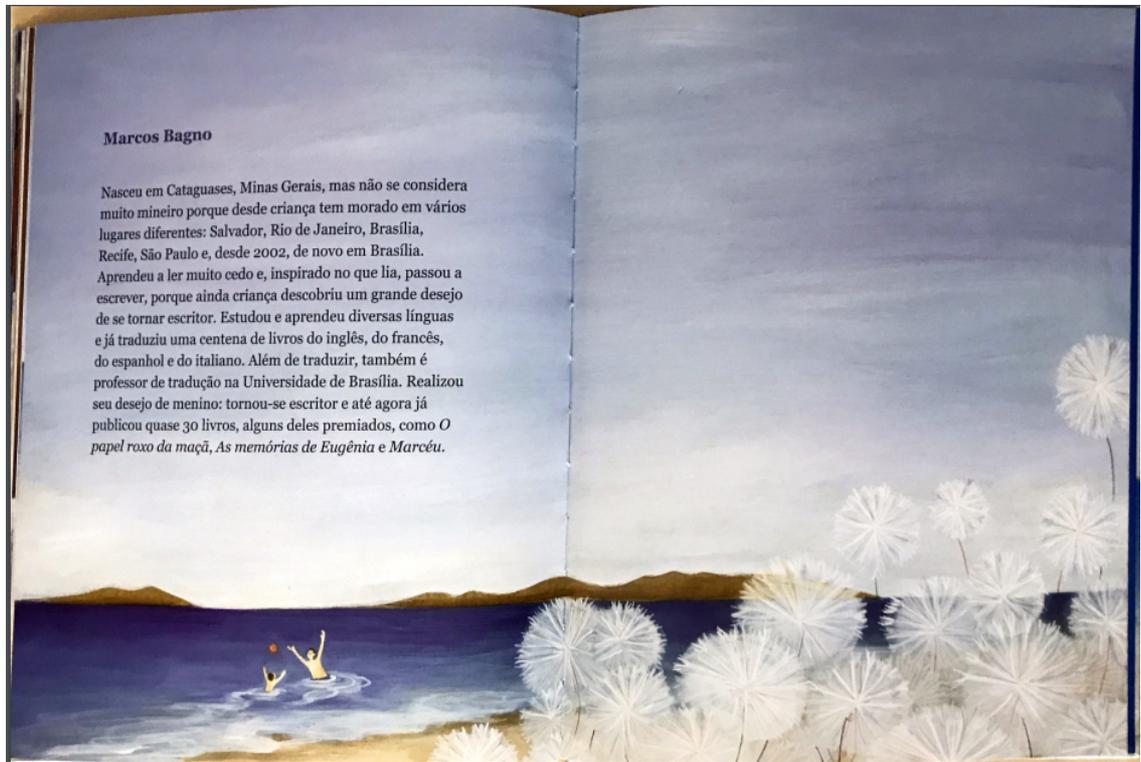
Fig. 7 - Miolo - (P. 39-40)



Fonte: Autora

Nessa dupla de páginas composta apenas por imagem vemos Leonardo na praia, sozinho, próximo à margem e molhando os pés. Reconhecemos um mar calmo e tranquilo, com tonalidades azuis que contribuem para uma atmosfera de serenidade e reconciliação. A presença dele sozinho na praia sugere um período de reflexão e reconciliação, sugerindo superação das dificuldades e reconciliação com o mar e a vida após o período de luto.

Fig. 7 - Miolo - (P. 41-42)



Nesta página dupla observamos em primeiro plano a presença dos dentes de leão à direita da página, fazendo alusão ao sopro do leão que se relaciona à figura do avô e do neto, que reforça a importância dos laços familiares e da transmissão de valores. Ao fundo, reconhecemos os atores pai e filho brincando com uma bola dentro d'água, em uma praia, demonstrando a criação de novos laços e a importância de apreciar os momentos presentes, valorizando-os como preciosos, como a própria vida. A combinação das isotopias plásticas e figurativas nesse trecho da narrativa sugere a continuidade do processo de reconciliação de Leonardo com o mar e a vida após o luto.

### **Conclusões:**

Ao explorar a história da literatura infantil e sua evolução ao longo do tempo, percebemos não apenas a transformação das narrativas, mas também a inovação nas técnicas de produção gráfica que desempenharam um papel crucial na criação de livros mais envolventes

e visualmente estimulantes para o público infantil. O impacto da literatura infantil na formação e desenvolvimento das crianças é indiscutível, seu papel enquanto mídia desempenha papel fundamental na formação e desenvolvimento das crianças.

Desde suas origens, ela desempenhou papel pedagógico, promoveu valores morais e complementou o ensino. No entanto, à medida que a sociedade e a literatura infantil evoluíram, abraçou temas mais sensíveis, refletindo as mudanças na percepção da infância e nas relações familiares, tornando-se uma ferramenta que combina texto e imagem de maneira a envolver também a imaginação, a percepção e os sentimentos das crianças.

A literatura infantil contemporânea enfrenta desafios significativos ao abordar assuntos complexos, como a morte, o medo e o luto. No entanto, é fundamental reconhecer a importância de tais abordagens, pois além de auxiliar na construção da memória social das crianças, proporciona uma maneira lúdica e simbólica de compreender e lidar com experiências difíceis. A obra "O Sopro do Leão" exemplifica essa interação entre texto e imagem, utilizando a linguagem visual para abordar a natureza efêmera da vida, a superação dos medos e a importância de aproveitar os momentos presentes.

A análise semiótica das imagens destaca a complexidade do título analisado que, enquanto mídia, transcende as palavras para transmitir sentimentos, conceitos e significados complexos de maneira sensível e mais receptiva. Em um mundo onde as crianças estão expostas a diversas formas de mídia, a literatura infantil mantém sua singularidade ao estimular a imaginação, promover empatia e proporcionar uma abordagem única para compreender o mundo e as relações humanas. Ao reconhecer a necessidade de abordar temas antes considerados tabus, a literatura infantil contemporânea se destaca como uma ferramenta poderosa para ajudar as crianças a compreender, aceitar e crescer emocionalmente diante de desafios inevitáveis.

Portanto, "O Sopro do Leão" não é apenas um livro, mas uma ferramenta que transcende as páginas, auxiliando na construção da linguagem e compreensão do mundo pelas crianças. Sua análise nos revela não apenas a habilidade dos autores em transmitir emoções complexas de forma acessível ao público infantil, mas também a capacidade da literatura infantil evoluir e se adaptar, desempenhando um papel vital na formação de indivíduos emocionalmente resilientes e conscientes.

**Referências:**

- Aberastury, A. (1984). A percepção da morte na criança e outros escritos. Porto Alegre: Artmed. 139 p.
- Ariès, Philippe. (1977). História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias; Rio de Janeiro: F. Alves.
- Ariès, Philippe. (1981). História social da criança e da família. 2ª ed. Trad. D. Flaksman. Rio de Janeiro: LTC.
- Assumpção, Evaldo (2022) d' (Evaldo Alves d') A morte em três tempos: como lidar com as perdas inesperadas da infância à velhice - Petrópolis, RJ: Vozes.
- Azevedo, Ricardo. (1999). Literatura Infantil: origens, visões da infância e traços populares. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, V. 27. 10 p.
- Bagno, Marcos; Matias, Simone. (2021) O sopro do leão - Curitiba: Olho de Vidro.
- Britto, Luiz Percival Leme. (2015). Ao revés do avesso - Leitura e formação - 1 ed. - São Paulo: Pulo do Gato.
- Demuru, Paolo. (2020). Imagens autênticas: corpo, contágio e fotografia política nos tempos do Instagram. *Discursos Fotográficos*, 16(28), 203–237.
- KOVACS, M.J. (2002). Morte e desenvolvimento humano (4ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Linden, Sophie Van Der. (2018) Para ler o livro ilustrado. São Paulo: SESI - SP.
- Marcato, Maria Luisa Ramirez Soares (2023). Luto y ausencia: Cómo se representa la muerte en los libros destinados a la infancia. *Revista Chilena de Semiótica*. 20 p.
- Paiva, Lucélia Elizabeth. (2011) A arte de falar de morte para crianças: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores - Aparecida, SP: Idéias e Letras.